

O POBRE NO ESPÍRITO E RICO EM HUMANIDADE

Denilson Geraldo
Maria José Sousa de Aguiar
PUC - SP

Resumo: Este artigo visa abordar a bem-aventurança “Felizes os pobres no espírito, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt 5,3). Parte da teologia bíblica e dos profetas, que veem o pobre como o sem condições de vida: o órfão e a viúva, mostra que Deus revelou seu amor em Jesus, que viveu radicalmente a opção pelos pobres em sua prática libertadora. Ser pobre *no* espírito não é apenas pobreza material, mas é ser despojado de si e movido pelo Espírito de Deus, enquanto ser pobre *de* espírito, é viver por interesses egoístas. Nesse viés, as principais conferências dos bispos latino-americanos orientaram a Igreja para o anúncio profético e libertador do Evangelho e para a denúncia das injustiças e da opressão presentes no continente. Esta é, também, a proposta para o cristão discípulo missionário de Jesus Cristo.

Palavras-chave: amor, pobre, Jesus Cristo, Reino de Deus.

Abstract: This paper studies the beatitude "Blessed are the poor in spirit, for theirs is the kingdom of heaven" (Mt 5,3). Part of biblical theology and the prophets who see the poor as the lifeless conditions: the orphan and the widow, shows that God has revealed his love in Jesus, who lived radically the option for the poor in his liberating practice. Being poor in spirit is not only material poverty, but is being stripped him and moved by the Spirit of God, while to be poor in spirit is to live for selfish interests. That bias, the main Latin American bishops' conferences, guided the Church, to the prophetic and liberating message of the Gospel and to denounce injustice and oppression on the continent. This is the proposal for the missionary disciple of Jesus Christ.

Keywords: love, poor, Jesus Christ, Kingdom of God.

Introdução

Com base na bem-aventurança do Evangelho de Mateus 5,3: “felizes os pobres no espírito, porque deles é o Reino dos Céus”, pode-se compreender o eixo do artigo *O pobre no espírito e rico em humanidade*. O percurso é feito por intermédio de estudos bíblicos, teológicos, pastorais e de documentos da Igreja. Em primeiro lugar, estuda-se o significado de *pobre* e da *pobreza* no Antigo Testamento. No Êxodo e no Deuteronômio, busca-se identificar como Deus liberta o povo escravo e o conduz pelo deserto por meio de Moisés. Nos salmos e nos profetas Isaías e Amós, evidencia-se a defesa do pobre e oprimido, o órfão e a viúva. A seguir, é abordado o eixo do artigo, baseado em Mateus 5,3 e em fontes teóricas, no qual se procura identificar quem é a pessoa feliz ou bem-aventurada. Estuda-se o amor de Deus pelo pobre no espírito e também a expressão: “porque deles é o Reino dos Céus”. Por fim, se apresentam algumas práticas pastorais que a Igreja priorizou, por meio das Conferências Episcopais de Medellín, Puebla e Aparecida, e de outras fontes da teologia latino-americana.

No percurso do texto, pode-se constatar que Deus tem preferência pelo pobre desde o Antigo Testamento. Os profetas vão mostrar que Ele jamais abandona seu povo e que seu amor é sem limite. A prova de que Deus o amou é que, no Novo Testamento, Ele cumpre a promessa, enviando o seu Filho para nascer de uma mulher (cf. Gl4,4-5).

1 A perspectiva do antigo testamento

Antes da questão central deste artigo – o que é ser pobre no espírito –, é preciso percorrer a trajetória de produção de sentidos trilhada pelos termos *pobre* e *pobreza*. Um percurso nos dicionários e em fontes bíblicas e teóricas faz notar a sintonia entre os termos e a reiteração de alguns sentidos. Senão, vejamos.

1.1 Os Significados de *Pobre* e de *Pobreza*

Na língua portuguesa, o pobre é o que não tem o necessário à vida, cujas posses são inferiores à posição social; é o mal dotado, pouco favorecido, que requer compaixão.¹ Para o *Dicionário Larousse Cultural*, o pobre inspira piedade; é um desgraçado.² Pode ser também pobre de inteligência e, por isso, precisa de ajuda. De similar sentido é a palavra *pobre* no latim, que tem um grupo de termos traduzíveis por “pobre”, sendo, a mais frequente, *pauper*, que designa aquele que possui pouco.³ O pobre é a pessoa a quem não só faltam as condições de sustento, mas que possui também necessidades de ordem moral e

espiritual. O significado da palavra *pobre* em grego é mais abrangente, segundo o *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*:

O termo “pobre”, chama-se πένης (penés). Penés é a raiz, e através de sua raiz tem conexão com ponos, “fardo”, “peso”, refere-se ao homem que não pode viver das suas próprias rendas, mas precisa trabalhar com as mãos. Logo o penés não é como o ptokós, que é pobre o suficiente para ser mendigo, e que precisa de socorro. Ele é apenas relativamente pobre; o oposto de penés é plousios, “opulento”, “rico” (de posses). O termo inclui o trabalhador manual ou pequeno camponês.⁴

Nesse ponto, vê-se que o pobre também é aquele sem forças para suportar o fardo pesado que carrega, precisando ser amparado e socorrido em suas necessidades. Conforme o *Dicionário Bíblico Mckenzie*, o Antigo Testamento apresenta uma série de adjetivos referentes ao tema pobreza:

Há diversos termos hebraicos para expressar pobreza, mas nenhum deles pode ser traduzido exatamente por “pobre”, ‘aní’ é literalmente “aflito”; no uso, a aflição consiste em ser membro de uma classe mais baixa, indigente e sujeita à opressão, sem meios para se defender. A forma aramaizada correspondente ‘anaw’ é sinônima, mas é frequentemente usada acerca dos pobres em sentido religioso. A imprecisão que o termo comporta torna possível traduzi-lo, às vezes, no sentido de “humildade”, dito de quem não tem vontade de resistir; dalsignifica literalmente “desfalecido”, ou seja, uma classe social cuja fraqueza deriva da sua inteligência; ‘ebyno’ significa mais propriamente pobre e necessitado.⁵

Para o *Dicionário de Mística*, Jesus é o místico da pobreza por excelência. Ele revela a realidade do homem diante de Deus, um pobre completamente voltado para o Criador. Assim, o conceito de mística da pobreza indica que “Deus é a riqueza do homem”. Francisco de Assis tornou-se conhecido como o “místico” da pobreza.⁶ O *Dicionário de Espiritualidade* apresenta outras dimensões da pobreza:

A prática da pobreza como desapego do mundo e de seus bens é tão antiga como o cristianismo e até como o ascetismo. Na Idade Média, na reforma eclesiástica do século XI, a pregação da pobreza não teve em mira só os monges, mas todo o clero, e até todos os cristãos e a própria Igreja, assumindo às vezes um caráter anti-hierárquico e herético, como nos cátaros, albigenses e valdenses.⁷

O *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*, diz que não é possível um conceito definitivo de “pobreza”, porque ela designa muitos fenômenos sociais, culturais e religiosos. Defini-la implicaria definir a atitude que a sociedade, o sujeito cultural e o portador da mensagem religiosa assumem perante o fraco, onde quer que se encontrem as causas de sua fraqueza.⁸

1.2 A Experiência do Êxodo

A figura do pobre encontra-selogo nos primeiros cinco livros da Bíblia, o Pentateuco. Este é o objeto de reflexão deste segundo item: o pobre e a pobreza no Êxodo e no Deuteronômio, pois, se o pobre, desde sempre, se faz presente na Bíblia, é claro que Deus o acompanha, Ele jamais o abandona e o ama com paixão.

O Êxodo desenvolve dois temas principais: a libertação do Egito (1,1-15,21) e a Aliança no Sinai (19,1-40,38); são temas interligados pelo tema da caminhada no deserto (15,22-18,27). Moisés, que recebeu a revelação do nome de Iahwehna montanha de Deus, é o condutor dos israelitas libertados da escravidão. Numa teofania impressionante, Deus faz aliança com o povo e lhe dita suas leis.⁹

Nos primeiros versículos do Êxodo, surgem os personagens mais importantes do relato: os filhos de Israel. A lista dos doze filhos de Jacó coincide com as doze tribos que, na história, constituíam a aliança israelita pré-monárquica. O Êxodo narra a saída do povo do Egito, após a manifestação de Deus que ouve o clamor dos oprimidos e desce para libertá-los.¹⁰ Segundo Matthias Grenzer, em “O Projeto do Êxodo”, aqui há uma estreita ligação entre fé e pobreza:

O projeto do Êxodo com as suas perspectivas teológico-éticas é fundamental da fé bíblica. Nele, o Deus de Israel revela suas características identificadoras: atento ao sofrimento dos escravos hebreus no Egito, o Deus Iahweh conduz os oprimidos para fora da sociedade que os oprime, dá-lhes seu ensino e leva-os a uma terra boa, a fim de que os libertados construíssem uma sociedade alternativa que garantisse, da forma mais ampla, a “liberdade” política e, sobretudo econômica, a todos os membros.¹¹

A missão de Moisés aparece em Ex3,7ss, no qual Deus o constitui seu representante diante do faraó, que se considera um deus. Deus diz: “Eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi seu grito por causa dos seus opressores, pois eu conheço as suas angústias”. (Ex 3,7). Antes disso, Moisés vai ao encontro dos irmãos que sofrem sob a opressão. “Já crescido”, sai do palácio e vê os serviços pesados que os hebreus são obrigados a fazer e a violência que sofrem. Diz o texto que Moisés, em uma de suas saídas, viu um egípcio batendo em um hebreu; então, ele saiu em defesa de seu irmão, matando o agressor (cf. Ex2, 11-14).

Grenzer mostra ainda que a narrativa se inicia com a imagem do povo de Israel que sai da escravidão no Egito e atravessa o deserto rumo à Terra Prometida. É apresentado um grupo unido e obediente, pois, para o autor, o caminho de Israel para a liberdade reflete o projeto de Deus. A narrativa confirma que Deus é fiel à Aliança e chama pessoas que o conduzam e o libertem dos opressores.¹² O Deuteronômio convida os filhos de Israel a jamais fecharem o coração à necessidade dos irmãos:

Quando houver um pobre em teu meio, que seja um só dos teus irmãos, numa só das tuas cidades, na terra que Iahweh teu Deus te dará, não endurecerás teu coração nem fecharás a mão para esse teu irmão pobre; pelo contrário: abre-lhe a mão, emprestando o que lhe falta, na medida da sua necessidade. (Dt 15,7-8)

A passagem mostra que o socorro é um dever, pois jamais se devem ignorar as necessidades do irmão. Ao fechar o coração ao pobre, ele gritará a Deus contra quem teve condição de ajudá-lo e não ajudou, e este sofrerá as consequências.

1.3 O Grito dos Profetas

A missão dos que vivem a Aliança com Deus é lutar em favor dos necessitados; essa é a missão do profeta. Mas quem foram os profetas? Foram inspirados por Deus para levar a sua Palavra ao povo. O profeta Isaías nasceu por volta de 765 a. C. (antes de Cristo). Em 740, ele recebeu, no Templo de Jerusalém, a vocação profética de anunciar a ruína de Israel e de Judá.¹³

Afirma o *Dicionário Bíblico* que os termos para designar pobre e necessitado são aplicados ao Israel exilado (Is 49,13) e a Sião (Is 51,21; 54,11). Essas passagens indicam que o judaísmo pós-exílico identificava a piedade com a pobreza e a humildade. O órfão e a viúva são os dois tipos de pessoas que mais preocupam o profeta Isaías; logo no começo do livro, as duas categorias já estão presentes:

Quando estendeis vossas mãos, desvio de vós os meus olhos; ainda que multipliqueis a oração não vos ouvirei. Vossas mãos estão cheias de sangue: lavai-vos, purificai-vos! Tirai da minha vista vossas más ações! Cessai de praticar o mal, aprendei a fazer o bem! Buscai o direito, corrigi o opressor! Fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva! (Is 1,15-17)

Mas Isaías não é o primeiro a se interessar pelo difícil destino do órfão e da viúva. Antes dele, outros fizeram o mesmo, no Antigo Oriente e em Israel. Como se vê no Código da Aliança: “Não explorarás viúvas nem órfãos” (Ex 22,21). Para José L. Sicre em *A justiça social nos profetas*, o órfão e a viúva são citados em textos posteriores a Isaías, mas no livro do Deuteronômio aparecem textos mais antigos (24, 19-21) e um deles exige: “não perverterás o direito do estrangeiro e do órfão, nem tomarás em penhor as roupas da viúva”(Dt 24,17). Continua o autor, as duas raízes verbais, *spteryb*, empregam-se com frequência em contexto judicial.¹⁴

Sicre fala que Isaías mostra que Deus toma o partido dos pobres e não permite que seus filhos sofram. Um dos temas que mais preocupou o profeta foi a justiça e sua administração. Ele denunciou os que não levavam a sério as causas de “órfãos e viúvas” (Is 1,23) e os que cometiam violências contra homens honrados, com condenações injustas (Is5,22-23).

Amós é um dos profetas mais importantes, ainda que menos conhecido pelos cristãos. Ele diz que Deus julga o pecado da classe dominadora, pois é ela que vive numa

falsa segurança e não tem justificativa para escravizar os pobres. De acordo com Francisco Ribeiro Souza, o profeta “rompeu barreiras culturais e éticas de seu tempo, antecipou muitos séculos na consciência de que nada, e muito menos o dinheiro, pode ser motivo de escravização das pessoas”.¹⁵

O tema da justiça social, tão caro a esse profeta, não nos deixa indiferentes, quando tomamos consciência dos enormes problemas dos que continuam sendo marginalizados por nossa sociedade desenvolvida e rica. Foi por causa de problemas dessa natureza que Amós se pôs a falar para o seu tempo. É por causa de problemas semelhantes que Amós continua a nos falar nos dias de hoje.¹⁶

1.4 Os Salmos e o Desejo de Justiça

O desejo de justiça em favor dos oprimidos e pequenos continua nos Salmos. Embora seja, em geral, motivado pelo louvor, o salmista apresenta também a Deus o pedido de socorro. Ele tem um amor preferencial pelo Senhor, está exposto aos seus inimigos, mas sabe que Deus é fiel e vem em seu auxílio.¹⁷

Para Santos Benetti, no livro *Versos e reversos*, o Salmo 3 parece uma oração familiar, quase rotineira. O orante põe diante de Deus a sua angústia, solidão e pobreza. Acredita que o Senhor vela por ele e o salva.¹⁸ “Mas tu, *Iahweh*, és o escudo que me protege, minha glória e o que me ergue a cabeça. Em alta voz eu grito a *Iahweh*, e ele me responde do seu monte sagrado. Eu me deito e logo adormeço. Desperto, pois é *Iahweh* que me sustenta” (Sl 3, 4-6).

Na Bíblia encontra-se Deus agindo e até ficando indignado em favor dos necessitados, porque Ele ama o seu povo de verdade. Matthias Grenzer, no livro *Dança ó terra*, diz que a ação de Deus em favor do pobre ganha, no Salmo 113, centralidade nas diversas tradições bíblicas.¹⁹

Aleluia! Louvai, servos de *Iahweh*, louvai o nome de *Iahweh*! Seja bendito o nome de *Iahweh*, desde agora e para sempre;do nascer do sol até o poente seja louvado o nome de *Iahweh*!Elevado sobre os povos todos é *Iahweh*, sua glória está acima do céu!Quem é como *Iahweh* nosso Deus? Ele se eleva para sentar-se,e se abaixa para olhar pelo céu e pela terra.Ele ergue o fraco da poeira e tira o indigente do lixo, fazendo-o sentar-se com os nobres, ao lado dos nobres do seu povo;faz a estéril sentar-se em sua casa, como alegre mãe com seus filhos (Sl 113).

O salmo 37 declara: “Mais um pouco e não haverá mais ímpio, buscarás seu lugar e não existirá; mas os pobres possuirão a terra e se deleitarão com abundância”.No Salmo, o ímpio é quem pratica a injustiça e não busca a Deus. No entanto, o pobre que busca a Deus possuirá a paz em abundância, ou seja, possuirá a terra (Sl 37,10-11). O pobre amado de

Deus, ao procurar o Criador, como necessitado, será libertado. Os Salmos 22,27; 34,2-4; 35,10 trazem essa presença do Senhor na vida do pobre. Ele nunca abandona o seu povo: “Bendirei a *Iahweh* em todo tempo, seu louvor estará sempre em meus lábios; glorio-me de *Iahweh*; que os pobres ouçam e fiquem alegres” (Sl 34,2-3). O orante, não importa por qual situação esteja passando, sabe que o Senhor está com **ele** e não **o** deixa só.

2. Pobreza e felicidade no novo testamento

Até aqui, se definiu o significado das palavras *pobre* e *pobreza* e se abordou a situação do pobre e da pobreza no Antigo Testamento; em especial nos livros do Êxodo, do Deuteronômio, nos profetas Isaías e Amós e em alguns Salmos. Agora, como espinha dorsal do artigo, se verá o tema em questão: *O pobre amado por Deus*. O estudo focará a primeira bem-aventurança do Evangelho de Mateus (5,3): “Felizes os pobres no espírito, porque deles é o Reino dos Céus”.

O Evangelho de Mateus é uma espécie de ponte entre a promessa do AT e a realização no NT. Apresenta o Messias, Jesus, como o Mestre da justiça que cumpre as promessas de Deus feitas a Abraão e a Davi.²⁰ David Michael Stanley, em *Evangelho de Mateus*, fala da diferença entre Mateus e Lucas e da importância da palavra de Jesus de Nazaré:

Mateus fala do Sermão na Montanha e Lucas na planície. Nenhum dos dois é uma fita magnética dos ensinamentos de Jesus. A palavra de Jesus de Nazaré, transmitida na tradição oral, foi vivida pelos cristãos antes de ser escrita. O Sermão da Montanha é um resumo do que deve caracterizar a comunidade que acredita em Jesus de Nazaré como Messias.²¹

Em grego, termo *macáριοι* significa “felizes” ou “bem-aventurados”²², pessoas escolhidas por Deus em seu Filho Jesus Cristo para viver os seus ensinamentos e guiar o seu povo, como fala o Salmo 119 “Felizes os íntegros em seu caminho, os que andam conforme a lei de *Iahweh*!” (Sl 119,1). Lei entendida como ensinamento. O núcleo das bem-aventuranças resume a promessa de Jesus, que veio trazer esperança aos pobres, aos aflitos e oprimidos. A manifestação de Deus foi, e sempre será, em favor do pobre que sofre, que é humilhado e injustiçado, para que esse sofrimento acabe e o pobre permaneça pobre, mas, pobre no espírito.²³

Os anunciadores das bem-aventuranças, referindo-se a Deus, dão um testemunho essencial: a vida tem um significado porque tem um fundamento. Deus pode alimentá-la, o seu amor a sustém. Viver nessa certeza é descobrir a alegria. Hoje, cada vez mais, são necessários apóstolos da alegria, testemunhas de vida.²⁴

Conforme a hermenêutica do autor citado, outro sentido do bem-aventurado é: escolhido de Deus como bênção para os irmãos, conforme o salmo 94: “Feliz o homem a quem corriges, *Iahweh*, e a quem ensinas por meio de tua lei, dando-lhe descanso nos dias

maus, até que abram uma cova para o ímpio” (12-13). Para os cristãos, essa escolha significa compromisso; o escolhido tem uma missão a viver com os seus irmãos e irmãs em Jesus Cristo.

Gustavo Gutiérrez, no livro *Em busca dos pobres de Jesus Cristo: o pensamento de Bartolomeu de Las Casas*, mostra que o comportamento cristão se funda no amor pelos necessitados; servir a Deus e favorecer os pobres de Jesus Cristo são aspectos inseparáveis. Jesus apresentou-se como alguém que andou por todo o mundo para ver a realidade de seu povo e prover a justiça.²⁵

É fundamental lembrar que a condição essencial para ser pobre no espírito é a experiência do amor numa relação com Deus e com o próximo, desprovida de arrogância e de autossuficiência. Gilberto Gorgulho e Ana Flora Anderson, em *A justiça dos pobres-Mateus*, trazem conceitos similares:

O pobre é o que deixa de lado a autossuficiência e falsa segurança que está no desejo de controlar o futuro e o relacionamento com os outros. Mateus acrescenta “em espírito” para mostrar que o discípulo deve ser igual ao Mestre, pobre “de coração”. (Mt 10,42).²⁶

A palavra espírito, em grego *pneuma*, ou em hebraico *ruah*, significa “vento” que implica “força” e “interioridade vital”. Assim, ser pobre no espírito vai muito além do ser pobre materialmente, o que move a pessoa é a força do próprio Deus, a força do Espírito Santo. O que decide ser pobre é aquele que se deixa mover pelo Espírito Santo,²⁷ torna-se pobre por causa do Reino de Deus e tem como centro os ensinamentos de Jesus; portanto, ser pobre no espírito independe da condição social. Para Stanley, em sua obra *Evangelho de Mateus*,

A atitude fundamental da pobreza é reconhecimento e entrega livre de si a fim de viver inteiramente na dependência do amor do Pai. O “em espírito” significa que a atitude é livremente assumida. A aflição é uma atitude psicológica, é uma busca que nasce da pobreza.²⁸

O amor de Deus é sua justiça em favor dos oprimidos e injustiçados. “Ser pobre é uma atitude básica para ser como Jesus”²⁹ e para entrar no Reino de Deus (Mt 19,24). Diz Jacques Dupont em *Jesus, Messias dos pobres, Messias pobre*:

Os “pobres em espírito” caracterizam-se pela disposição de alma, uma atitude interior; sua “pobreza espiritual” torna-os, ao mesmo tempo, “mansos”, segundo outra tradução, *anawim*, que faz dessa bem-aventurança o prolongamento da primeira. A bem-aventurança dos que estão “famintos e sedentos de justiça” já não diz respeito a uma necessidade física, mas a uma ardente aspiração espiritual.³⁰

Aos pobres faltam condições básicas para viver com dignidade humana. Como explica Fabris, em relação à pobreza em Israel:

Os pobres são pessoas sem bens sociais e econômicos. Mas essa categoria, em geral, oprimida, põe sua confiança em Deus. Os opressores são os ricos que, em geral, não observam as tradições dos pais, colaboram com os estrangeiros, os pagãos, e se dedicam ao grande comércio. Os pobres são os humildes que, ao mesmo tempo, são piedosos, devotos e observantes.³¹

Diante disso, se entende que o pobre amado por Deus é o que se faz pobre para tê-lo como sua única riqueza. Jamais Deus quer que seus filhos sejam injustiçados, onde Ele está presente não existe pobreza emanada da injustiça. Deus ama o miserável, mas não quer que ele continue assim, Ele o quer pobre, mas no espírito, não sem espírito, tampouco sem dignidade de ser pessoa. Portanto, a pobreza material deve ser por opção e não por consequência das injustiças.³²

O papa Bento XVI, na Carta *Deus Caritas est*, diz que o amor de Deus é fundamental para a vida humana e põe questões decisivas sobre quem é Deus e quem somos nós (cf. DCE 2). O Evangelho de João afirma que Deus é amor e permanece em quem o ama (cf. Jo 3,16). Portanto, cada pessoa é um instrumento do amor de Deus, vivendo o amor uns para com os outros.

Deus manifesta-se na História e propõe uma Aliança: “Eis que eu os reunirei de todas as regiões em que os dispersei, em minha ira, em meu furor e em minha grande indignação: eu os trarei de volta a este lugar e os farei habitar em segurança. Eles serão o meu povo e eu serei o seu Deus.” (Jr 32,37-38). Esta é a Aliança selada por Deus para com o seu povo. Ele age debaixo para cima, de dentro para fora, pois convive com a humanidade e conversa com o seu povo.

O coração do Sermão da Montanha é o versículo que, de certo modo, o resume: “Buscai, em primeiro lugar, o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6,33). O sujeito do pronome possessivo da primeira frase está no versículo anterior: é o “Pai celeste”.³³ Constata-se que, amar a Deus não é obrigação, mas afirmação livre, pois só o amor sustenta a vida humana.

Jesus veio revelar o Reino de Deus. Ele não só anuncia, mas Ele é o próprio Reino, dando o seu testemunho de *Filho muito amado do Pai*, ou seja, o Reino acontecendo na história. Nele aparece o que Deus faz quando um ser humano O deixa *reinar*, tomar conta de sua vida. Pelo seu agir, Jesus revela o que Deus tinha em mente quando chamou o povo no tempo de Abraão e de Moisés.³⁴

O povo pobre entendia as coisas que Jesus dizia. Os doutores não entendiam (Mt 11,25). Entre Jesus e o povo havia um mútuo entendimento como entre o pastor e ovelhas: “conheço as minhas ovelhas e elas me conhecem” (Jo 10,14; cf. 10,2. 27). Os pobres podiam até não conhecer as coisas de Deus, pois não tiveram oportunidade de estudar como os escribas. Mas, muito melhor do que estes sabiam reconhecê-las na vida e nos acontecimentos.³⁵

Portanto, quando se fala que Deus ama “os pobres no espírito, porque deles é o Reino dos Céus”, afirma-se que Deus manifesta o seu amor pelo seu povo e tem como alicerce do

seu reinado a justiça e o direito. Pois à medida que o pobre é pobre por opção, e não por imposição, testemunha o Reino de Deus, vive impulsionado pelo seu Espírito. Até porque, nas diversas dimensões da vida, o bem humano é também um aspecto do pobre no espírito.

Desse modo, se pode traçar uma linha distintiva entre a pobreza no espírito e a pobreza de espírito. A citação bíblica de Mt 5,3, base do artigo, foi extraída da Bíblia de Jerusalém, nova edição, revista e ampliada, 2008. Verificou-se também a citação em outras Bíblias como: *Bíblia Sagrada CNBB*, *Bíblia Ave-Maria* e *Bíblia Pastoral* que falam de pobre no ou em espírito. Na realidade, a pobreza no espírito dignifica e torna participantes do Reino de Deus, testemunhas de seu amor e de sua misericórdia enquanto que a pobreza de espírito diminui, afasta de Deus e desumaniza. Muitas vezes, as pessoas são ricas materialmente, mas pobres de espírito. Os pobres, a quem se endereçam as políticas públicas de assistência, os desvalidos materialmente, nem sempre são, a rigor, os pobres de espírito; são pobres no espírito, porque muitos deles são plenos da misericórdia e do amor de Deus. É preciso, porém, ressaltar que todos são filhos de Deus e, portanto, amados incondicionalmente por Ele. Maria, como mãe, exemplo do amor e da graça, foi aquela que cultivou a pobreza em espírito: “Maria é aquela que soube transformar um curral de animais na casa de Jesus, com uns pobres paninhos e uma montanha de ternura. Ela é a serva humilde do Pai, que transborda de alegria no louvor” (cf. EG 286).

3. Orientações pastorais para realidade latino-americana

Depois de abordarmos a pobreza em sua dimensão bíblica, que está além da miséria material e possui uma dimensão espiritual, passaremos a avaliar como, do ponto de vista pastoral, o tema da pobreza é analisado, sobretudo nos contextos sociais mais desfavorecidos. Ao considerar a *pobreza no espírito*, mais do que uma situação ou consequência, é uma opção que nos conduz a experimentar o Reino de Deus, veremos aqui como a Igreja, à luz dos documentos do CELAM, fez uma opção pelos pobres e oprimidos.

3.1 Ações Concretas da Conferência Episcopal de Medellín

A II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, em Medellín, na Colômbia, aplicou o Concílio Vaticano II³⁶ às necessidades da Igreja na América Latina (a primeira havia sido no Rio de Janeiro, em 1955). A partir do documento de Medellín, a Igreja tem como expressão de ação evangelizadora a *opção fundamental pelos pobres*. Termo que surgiu na América Latina, continente pobre e cristão.³⁷

Somente se uma Igreja for pobre, realmente e economicamente, como aquele que “não tinha onde repousar a cabeça”, se optar estrategicamente e escatologicamente pela evangelização

dos pobres (proclamação por fatos da possibilidade histórica e escatológica de sua libertação), poderá, tática e concretamente, realizar um apostolado em favor dos ricos (por exemplo: a pastoral castrense na América Latina), mas a partir dos pobres e com referência a eles.³⁸

Dentre os temas tocados por Medellín, três tiveram significativa relevância na Conferência: a justiça, a paz e a pobreza. Mas os elementos característicos, como o da pobreza e o da libertação, foram os de maior preocupação, pois têm a ver com a dignidade humana; todos os homens e mulheres necessitam de profunda conversão para que chegue o *Reino de justiça, de amor e de paz*. A origem de todo desprezo ao homem, de toda injustiça, está no desequilíbrio interior da liberdade humana que necessita sempre de um permanente esforço de retificação.³⁹ A Conferência de Medellín considerou que a Igreja da América Latina não poderia ficar indiferente diante das injustiças:

Um surdo clamor nasce de milhões de homens, pedindo a seus pastores uma libertação que não lhes chega de nenhuma parte. “Agora, nos escutais em silêncio, mas ouvimos o grito que sobe de vosso sofrimento”, disse o papa Paulo VI aos camponeses colombianos.⁴⁰

A nova Aliança de Deus para com o seu povo diz que todo aquele que pratica a justiça é escolhido por Deus (cf. At 10,35) em qualquer situação, tempo ou lugar. Deus quis, entretanto, santificar e salvar os homens, não como simples pessoas, independentemente dos laços sociais que as unem, mas constituiu um povo para reconhecê-Lo na verdade e servi-Lo na santidade.⁴¹ Em suas orientações práticas, o documento de Medellín declara que jamais se pode ficar alheio ao sofrimento dos mais necessitados, dos pobres:

Devemos tornar mais aguda a consciência do dever de solidariedade para com os pobres, exigência da caridade. Esta solidariedade implica tornar nossos os seus problemas e suas lutas e em saber falar com eles. Isto há de se concretizar na denúncia da injustiça e da opressão, na luta contra a intolerável situação suportada frequentemente pelo pobre e na disposição de dialogar com os grupos responsáveis por essa situação para fazê-los compreender suas obrigações.⁴²

Nas conclusões de Medellín, reconhece-se a situação de pobreza, injustiça e desigualdade dominante na América Latina, mas estão impregnadas de esperança na transformação, e sabe-se dos esforços positivos existentes em vista de uma sociedade mais justa.⁴³ No seguimento do Evangelho de Jesus Cristo, a luta da Igreja é a favor dos pobres, pois ela defende seus direitos e procura denunciar os abusos e as consequências de todas as desigualdades sociais.

3.2 Ações Concretas da Conferência Episcopal de Puebla

A III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano foi aberta em 28 de janeiro de 1979, em Puebla de Los Angeles, México. Os bispos assumem a clara e a profética *opção preferencial* e solidária pelos pobres, em consonância com a posição de Medellín em vista da libertação integral, pois se constatou que a imensa maioria dos latino-americanos vivia em um estado de pobreza e de miséria, que se agravou ao longo dos anos, quando a concentração das riquezas ficou nas mãos de poucos, trazendo consequências para a maioria.⁴⁴ A Conferência de Puebla volta a assumir o espírito de Medellín, com renovada esperança na força vivificadora do Espírito, não obstante as interpretações com que alguns o desviaram, pois não foram todos os participantes que aderiram à tal *opção* de ação evangelizadora.⁴⁵

A Igreja, além de anunciar a dignidade da pessoa humana, de seus direitos e deveres, e de denunciar as violações cometidas contra o homem, deve exercer uma ação de serviço, como parte integrante de sua missão evangelizadora e missionária. Ela deve criar, juntamente com todos os homens de fé e boa vontade, uma consciência ética em torno dos grandes problemas internacionais.⁴⁶

Puebla afirma que diversos setores da Igreja, como episcopados, laicatos, religiosos/as e sacerdotes, tornaram o compromisso com os pobres mais profundamente realista. Essa prática levou a Igreja latino-americana a denunciar as injustiças derivadas de mecanismos opressores.⁴⁷ O que se percebe é que os pobres, também, a partir do momento em que foram apoiados pela Igreja, começaram a se organizar para uma vivência integral da fé. Assim, puderam reivindicar seus direitos com o apoio da Igreja.

Ao aproximar-se do pobre para acompanhá-lo e servi-lo, a Igreja faz o que Cristo ensinou, quando se fez irmão nosso, pobre como nós. Por isso, o serviço dos pobres é medida privilegiada, embora não exclusiva, do seguimento de Cristo. O melhor serviço ao irmão é a evangelização que o dispõe a se realizar como filho de Deus, que o liberta e o promove integralmente. Puebla diz que, para viver e anunciar a pobreza cristã, a Igreja precisa rever suas estruturas e membros, sobretudo dos agentes de pastoral, com vistas à conversão efetiva.⁴⁸

A todas as pessoas aflitas e aos que sofrem por causa da violação de seus direitos, fazemos chegar nossa palavra de compreensão e ânimo. Exortamos os responsáveis pelo bem comum a que ponham todo o seu empenho, com vontade resoluta, para remediar as causas que geram essas situações, e criem as condições necessárias para uma convivência autenticamente humana.⁴⁹

Puebla chama a atenção para que se entenda o que significa o termo *preferencial*, e diz: com seu amor preferencial, mas não exclusivo, pelos pobres, a Igreja, presente em Medellín, foi, como disse o Santo Padre, um chamado à esperança, rumo a metas mais cristãs e mais humanas.⁵⁰

A IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano ocorreu em Santo Domingo, em outubro de 1992 e deu origem ao documento *Nova evangelização, promoção humana e cultura cristã*, o qual não será analisado neste trabalho.

3.3 Ações Práticas da Conferência de Aparecida

A V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe foi iniciada em 13 de maio de 2007, em Aparecida (SP).⁵¹ Diz o documento que Deus tem um vínculo com o pobre que perpassa toda a Bíblia. Trata-se de uma *opção pelos pobres* que implica uma solidariedade e um empenho decisivos. A preferência não enfraquece a exigência da opção, mas se trata de um imperativo do Evangelho, como muitas vezes se acentuou. Os dois, opção e preferência, são utilizados e aprofundados no Documento de Aparecida:⁵² “A Igreja tem, certamente, como algo importante e urgente, que se construam estruturas mais humanas, mais justas, mais respeitadoras dos direitos da pessoa, menos opressivas e menos escravizadoras” (cf. EN 36).

As pastorais esforçam-se na orientação do povo, para que tenha um verdadeiro encontro com Jesus Cristo vivo; a animação bíblica, por exemplo, leva o povo a estar mais próximo da Palavra de Deus. Também a formação dos catequistas e a renovação da catequese provocam bons resultados para todos os continentes, incluindo a América do Norte, Europa e Ásia, para onde muitos latino-americanos e caribenhos têm emigrado.⁵³ Aparecida também traz a preocupação com a realidade de grande número de jovens que passam por difíceis situações:

As sequelas da pobreza, que limitam o crescimento harmônico de suas vidas e geram exclusão; a socialização, cuja transmissão de valores já não acontece primariamente nas instituições tradicionais, mas em novos ambientes não isentos de forte carga de alienação; e permeabilidade às formas novas de expressões culturais, produto de globalização, que afeta sua própria identidade pessoal e social.⁵⁴

O cristão é discípulo missionário de Jesus Cristo; por isso, ele deve iluminar, com o Evangelho, todos os âmbitos da vida social. A *opção preferencial pelos pobres* é sua raiz evangélica, e isso lhe exige atenção pastoral voltada aos construtores da sociedade. As estruturas atuais geram pobreza, em parte, pela falta de fidelidade aos compromissos evangélicos, por muitos cristãos com especiais responsabilidades políticas, econômicas e culturais.⁵⁵

Os discípulos missionários de Cristo promovem uma cultura do compartilhar em todos os níveis, em contraposição à cultura dominante de acumulação egoísta, assumindo com seriedade a virtude da pobreza como estilo de vida sóbrio, para ir ao encontro, e ajudar nas necessidades, dos irmãos que vivem na indigência.⁵⁶

O Documento de Aparecida ressalta, como também os outros documentos, que a opção pelos pobres e excluídos é a manifestação de uma permanente conversão pastoral, tão essencial à Igreja quanto a pregação da Palavra e a celebração dos sacramentos. Essa missão pode ser compreendida de dois modos: a solidariedade imediata e a luta com o compromisso em favor da justiça e da dignidade para com o povo de Deus.⁵⁷

Portanto, as propostas pastorais dos bispos latino-americanos e do Caribe, em relação aos pobres, desde a primeira década pós-conciliar, conduzem a duas perguntas: como pensar essas questões no contexto contemporâneo, marcado pelo poder do Mercado, do consumo, do ter, em detrimento dos princípios constantes nos documentos mencionados? De que modo é possível cultivar a pobreza no espírito, em um mundo que preza outros valores?

4. Algumas questões autais e inquietantes

Feito o percurso em torno dos conceitos de pobreza material e do pobre no espírito, vimos que a pobreza no espírito é uma questão de escolha e busca de Deus. A “bem-aventurança” de Mateus 5,3 “Felizes os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus” chama atenção para o fato de que ser pobre no espírito tem o mesmo significado de ser “puro de coração”, de alguém com o coração voltado para Deus, pois para Ele não basta ter a pobreza externa, mas sim a pobreza interna, deixar-se enriquecer pelo Espírito de Deus.

Isso significa que o pobre no Espírito é o que, movido pelo Espírito de Deus, luta em favor do necessitado. É o que luta por políticas públicas que melhorem a vida dos pobres e lhes resgatem a dignidade de cidadãos e filhos de Deus, com direito à moradia, à educação, à saúde e à segurança. Mas, retomando as questões anteriores, podemos perguntar: será que, no mundo consumista e materialista em que vivemos, a pobreza no espírito é um valor? Como manter tal escolha sabendo que, na lógica do mundo, “ser é ter”? Como viver uma partilhada, na qual o bem do outro é também o meu, a riqueza do outro é também a minha?

O artigo *Religião e consumo* do teólogo dominicano Carlos Alberto Libânio Christo, frei Beto, baseado em uma matéria do jornal *Financial Times*, de Londres, diz que “as marcas são a nova religião. As pessoas voltam-se para elas em busca de sentido”. E as *grifes* “possuem paixão e dinamismo necessários para transformar o mundo e converter as pessoas em sua maneira de pensar”. Frei Beto menciona uma pesquisa feita pela *Fitch*, consultoria londrina de *design*, em que consta o caráter “divino” das marcas famosas; as pessoas preferem o *shopping* à missa ou ao culto aos domingos. Outros dados da pesquisa são reveladores: em 1991, cerca de 12 mil pessoas celebraram núpcias na *DisneyWorld*, e viraram moda os féretros da marca *Halley* para os motoqueiros que foram “fissurados” em produtos *Halley-Davidson*.

Para frei Beto, não é preciso exercitar a lógica para ver essa realidade hoje, pois o filósofo político alemão do século XIX, Karl Marx, já havia denunciado o *fetichismo* da

mercadoria, ainda no começo da Revolução Industrial. Já, nessa época, as pessoas passaram a desejar além do necessário, pois tinham poder aquisitivo para tanto e adoravam ostentar o supérfluo.

Com isso, se vê que a mercadoria é um vetor intermediário na relação entre os seres humanos (pessoa-mercadoria-pessoa); ela passou a ocupar os polos (mercadoria-pessoa-mercadoria); isto é, utilizar o transporte público torna uma pessoa inferior do que aquele que utiliza uma BMW. Isso vale também para a camisa, o calçado ou a jóia que se usa. Não é o ser humano que faz o produto, é o objeto que imprime valor e aumenta a cotação da pessoa no mercado das relações sociais. Isso faria Descartes, filósofo neoliberal, declarar: “consumo, logo existo”, o que indica que fora do mercado não há salvação. Conforme frei Beto, é um alerta para os novos “sacerdotes” da idolatria consumista. No mesmo artigo, o autor diz que a apropriação religiosa do mercado é evidente nos *shopping centers*, tão criticados por José Saramago em *A caverna*.

Quase todos possuem linhas arquitetônicas de catedrais estilizadas. São templos do deus mercado. Neles, não se entra com qualquer traje, mas com a roupa da missa de domingo. Percorrem-se claustros marmorizados ao som do gregoriano pós-moderno. Ali dentro tudo evoca o paraíso: não há mendigos nem pivetes, pobreza ou miséria. Com olhar devoto, o consumidor contempla as capelas que ostentam, em ricos nichos, os veneráveis objetos de consumo, acolitados por belas sacerdotisas. Quem pode pagar à vista se sente no céu; quem recorre ao crediário, no purgatório; quem não dispõe de recurso, no inferno. Na saída, entretanto, todos se irmanam na mesa “eucarística” do McDonald's.⁵⁸

A fé verdadeira imprime sentido subjetivo à vida, objetivando-a na prática do amor, enquanto um produto cria apenas a ilusória sensação de que, graças a ele, temos mais valor aos olhos alheios, continua frei Beto. O papa Francisco, no documento *Evangelii gaudium*, cita os progressos da humanidade, no que ele chama *viragem histórica*. Se, por um lado, o Santo Padre louva os avanços em vários campos (saúde, educação, comunicação), por outro, lembra que a maior parte da população mundial vive de modo precário e que a falta de respeito, a desigualdade e a violência são reais. A escolha por uma vida justa e igualitária passa, necessariamente, pelos valores de Cristo que, como bússola, nos guiam nesse mundo ambivalente. Ainda, segundo Francisco: “para se poder apoiar um estilo de vida que exclui os outros ou mesmo se entusiasmar com este ideal egoísta, desenvolveu-se uma globalização da indiferença” (cf. EG, 54).

Ao contrário do que diz o Papa, infelizmente o “deus mercado” opta pela supremacia dos bens materiais e pela exploração das reservas naturais, relegando o homem ao segundo plano. Na mesma linha, frei Beto aponta o pecado original da “religião” do consumo que, ao contrário das tradicionais, não é altruísta e sim egoísta; não favorece a solidariedade, e sim a competitividade; não faz da vida um dom, mas uma posse. Ainda pior: acena com o paraíso na Terra e manda o consumidor para a eternidade, completamente desprovido deste lado da vida.

A pobreza no espírito, pelo contrário, conduz ao encontro com Deus no irmão e na irmã, especialmente no mais necessitado. Quem orienta esse pobre no serviço do Reino é o Espírito Santo; por isso, ele sempre pensa no bem do outro.

Considerações finais

A prática da bem-aventurança: “felizes os pobres no espírito, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt5,3) é um desafio. Os cristãos do primeiro século e os de todos os tempos são chamados a essa vivência no dia a dia, no confronto com a Palavra de Deus e no seguimento de Jesus, em relação à opção pelos pobres, na construção do Reino. Assim viveram e ensinaram os santos, em especial, São Francisco de Assis, quem, por excelência, viveu a pobreza evangélica no espírito das bem-aventuranças.

Nesse sentido, pode-se ver que Deus não quer ninguém na miséria; não provém Dele a injustiça e a opressão, como mostram os relatos bíblicos e as fontes teóricas e pastorais consultadas. Ele nunca abandona o povo e sempre escolhe e envia pessoas que o libertem da escravidão e da injustiça. Por isso, se pode dizer que o Reino de Deus se constrói conforme se passa da opressão para a justiça, a solidariedade, a inclusão e o amor à vida, por ação dos que, sendo pobres no espírito e movidos pelo Espírito de Deus, buscam o bem comum. Ali, Deus está.

Hoje, é dado valor maior aos objetos de consumo do que às pessoas; esse não é o espírito pelo qual o cristão deve se deixar mover. O pobre no espírito é movido na direção do outro, para valorizá-lo e testemunhar um valor que não se compra, mas se vive. Ele vê o outro como seu semelhante e irmão; por isso, não só, é solidário, como é, também, capaz de entregar a vida por ele, como Jesus. É nesse espírito que os documentos do episcopado latino-americano e caribenho, analisados nesse artigo, orientam as comunidades cristãs e todos os batizados para a prática transformadora em meio a uma sociedade, até hoje, marcada pela opressão e pela pobreza; uma prática que começa nos profetas e se faz plena em Jesus.

Os profetas lutaram para que o povo de Israel fosse fiel à aliança com Deus, por meio da justiça e do direito do pobre, personificados na viúva, no órfão, no estrangeiro. Os relatos bíblicos são elucidativos: para Amós, por exemplo, quando o ser humano é oprimido, o santo nome do Senhor é profanado, pois a Lei de Deus exige proteção e auxílio aos que correm riscos de serem manipulados como um simples objeto.

No atual contexto, a voz dos profetas ainda ressoa, embora em meio a tantos ouvidos surdos e olhos cegos. A Palavra de Deus é inspirada e inspiradora; é preciso que vozes proféticas a anunciem no mundo, onde a injustiça aumenta, pois como diz São João: “Nisto são reconhecíveis os filhos de Deus e os filhos do diabo: todo o que não pratica a justiça não é de Deus, nem aquele que não ama o seu irmão” (1Jo 3,10). O cristão é chamado a não sucumbir ao espírito do ter, mas a ser presença de vida e não de morte. Jesus Cristo é o

modelo para chegar ao Pai, para atualizar o Reino na terra. Esse é o caminho: seguir os passos de Jesus que se fez um com a humanidade, para dizer o quanto Deus ama o humano, pois Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida (Cf. Jo 14,6). Assim, pobre no espírito o cristão se torna rico em Cristo, e, movido pelo Espírito Santo, pode testemunhar que o pobre é amado por Deus.

Notas

¹ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1986, p. 1350.

² LAROUSSE CULTURAL. *Grande Dicionário Larousse da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nova Cultural, 1990, p.722.

³ ANNE, Lene Fenger. *Pobre*. In: EICHER, Peter. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993, p. 697.

⁴ BROWN, Colin. *Pobre*. In: COENEN, Lothar. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 1682.

⁵ MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984, p. 729.

⁶ CABRA, P. *Pobreza*. In: BORRIELLO, L.; CARUANA E. *Dicionário de mística*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 881.

⁷ ANCILLI, Ermanno; MAROTO, D. Pablo de. *Pobreza*. Pontifício Instituto de Espiritualidade Teresianum. *Dicionário de espiritualidade*, vol. III. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2012, p. 2025.

⁸ ALMEIDA, Rogério. *Pobre*. In: EICHER, Peter. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993, p. 702.

⁹ Cf. Introdução do Pentateuco. In: *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 21-22.

¹⁰ PIXLEI, George V. *Êxodo: grande comentário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 15.

¹¹ GRENZER, Matthias. *O projeto do Êxodo*. São Paulo: Paulinas, 2007, p.13.

¹² GRENZER, Matthias. *O projeto do Êxodo*. p. 37-42.

¹³ Cf. Introdução aos profetas. In: *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008, p.1237.

¹⁴ SICRE, José L. *A justiça social nos profetas*. São Paulo: Paulinas, 1990, p. 268.

¹⁵ RIBEIRO, Francisco Souza. *Justiça: entrevista com o profeta Amós*. São Paulo: Paulinas. 1996, p. 109ss.

¹⁶ SILVA, Aldina da. *Amós: um profeta politicamente incorreto*. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 14.

¹⁷ MANNATI, M. *Para rezar com os Salmos*. São Paulo: Paulinas. 1975, p. 13.

¹⁸ BENETTI, Santos. *Salmos: versos e reversos*. São Paulo: Paulinas, 1977, p.22.

- ¹⁹ GRENZER, Matthias. *Ação inversora do destino dos pobres*. In: FERNANDES, Leonardo Agostini. *Dança ó Terra: interpretando Salmos*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 123.
- ²⁰ PIKAZA, Javier. *A teologia de Mateus*. São Paulo: Paulinas, 1977, p. 27.
- ²¹ STANLEY, David Michael. *Evangelho de Mateus*. São Paulo: Paulinas, 1975, p. 45.
- ²² OLIVEIRA, Ivone Brandão de. *Caminho para o Reino com as bem-aventuranças*. São Paulo: Paulinas, p. 14.
- ²³ ANDERSON, Ana Flora; GORGULHO, Gilberto S. *A justiça dos pobres. Mateus*. São Paulo: Paulinas, 1981, p. 53.
- ²⁴ MOLARI, Carlo. *O segredo de Deus: a perfeita alegria*. In: BALDUCCI, E; BOVATI, P. *Linguagem profética das bem-aventuranças*. São Paulo: Paulinas, 1995, p. 19.
- ²⁵ GUTIÉRREZ, Gustavo. *Em busca dos pobres de Jesus Cristo: O pensamento de Bartolomeu de Las Casas*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 541.
- ²⁶ D'AGOSTINO, Francesco. *O segredo de Deus: a perfeita alegria*. In: BALDUCCI, E; BOVATI, P. *Linguagem profética das bem-aventuranças*. São Paulo: Paulinas, p. 57.
- ²⁷ FERREIRA, Francisco Albertin. *As bem-aventuranças de Jesus*. Aparecida: Santuário, 1999, p. 40.
- ²⁸ STANLEY, David Michael. *Evangelho de Mateus*. **São Paulo: Edições Paulinas, 1975**, p. 46.
- ²⁹ ANDERSON, Ana Flora; GORGULHO, Gilberto S. *A justiça dos pobres: Mateus*. **São Paulo: Edições Paulinas, 1981**, p. 57.
- ³⁰ DUPONT, Jacques. *Jesus, Messias dos pobres, Messias pobre*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 30.
- ³¹ FABRIS, Rinaldo. *A opção pelos pobres na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 14.
- ³² FERREIRA, Francisco Albertin. *As bem-aventuranças de Jesus*. **Aparecida: Editora Santuário, 1999**, p. 41.
- ³³ GUTIÉRREZ, Gustavo. *Onde dormirão os pobres?* In: MÜLLER, Gerhard Ludwig. *Ao lado dos pobres: Teologia da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2014, p. 143-144.
- ³⁴ MESTRE, Carlos. *Com Jesus na contramão*. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 55.
- ³⁵ Ibidem, p. 102.
- ³⁶ Em 11 de outubro de 1962, João XXIII, abriu o Concílio Ecumênico Vaticano II. Foram dez as sessões do Concílio. A abertura foi a única celebrada no pontificado de João XXIII (1958-1963). As outras se realizaram sob o pontificado de Paulo VI (1963-1978), p. 3-4.
- ³⁷ SOBRINO, Jon. *Opção pelos pobres*. In: TAMAYO, Juan José. *Novo Dicionário de Teologia*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 408.
- ³⁸ DUSSEL, Enrique. *De Medellín a Puebla: uma década de sangue e esperança. Vol. 2 (De Sucre à crese relativa do neofascismo - 1973-1977)*. São Paulo: Loyola, 1982, p. 464.

-
- ³⁹ PADIN, Cândido; GUTIÉRREZ, Gustavo, *et. al.* Conclusões da Conferência de Medellín, 1968 – *Trinta anos depois: Medellín é ainda atual?* São Paulo: Paulinas, 1998, nº 3, p. 46-47.
- ⁴⁰ *Ibidem*, p. 195.
- ⁴¹ VATICANO II. *Mensagens, discursos e documentos*. São Paulo, Paulinas, 1998, nº 9, p. 192.
- ⁴² PADIN, Cândido; GUTIÉRREZ, Gustavo, *et. al.* Conferência de Medellín, 1968 -*Trinta anos depois: Medellín é ainda atual?* São Paulo: Paulinas, nº 10, p. 199.
- ⁴³ Revista Eclesiástica Brasileira, FASC. 269-Janeiro de 2008 -*Dizer Deus hoje-* novas categorias de Pe. Dr. Tiziano Tosolini. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 26-27.
- ⁴⁴ Puebla, Conclusões. Texto oficial: III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. *A Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. São Paulo: Loyola, p. 306.
- ⁴⁵ Conclusões da Conferência de Puebla -*Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1987, nº 1134, p. 325.
- ⁴⁶ Puebla. *A evangelização no presente e no futuro da América Latina-* Texto oficial da CNB. Petrópolis: Vozes, 1979, nº 1283, p. 301.
- ⁴⁷ *Ibidem*, nº 1135-1136, p. 275.
- ⁴⁸ Puebla. *A Evangelização no presente e no futuro da América Latina -* Texto oficial da CNBB. Petrópolis: Vozes, 1979, nº 1145-1157, p. 277-279.
- ⁴⁹ *Ibidem*, nº 1293, p. 387.
- ⁵⁰ *Ibidem*, nº 1165, p. 312.
- ⁵¹ V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, *Documento de Aparecida*, p. 7.
- ⁵² MÜLLER, Gerhard Ludwig. *Pobre para os pobres: a missão da Igreja*. São Paulo: 2014, p. 112.
- ⁵³ CELAM - Conselho Episcopal Latino-Americano. *Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus, Paulinas; Brasília: CNBB, nº 99.
- ⁵⁴ Cf. *Ibidem*, nº 444.
- ⁵⁵ Cf. *Ibidem*, nº 501.
- ⁵⁶ Cf. *Ibidem*, nº 540.
- ⁵⁷ TOZOLINI, Tiziano. Dizer Deus hoje: novas categorias. In: *REB Revista Eclesiástica Brasileira*, nº 269, janeiro de 2008. Petrópolis: Vozes, p. 37.
- ⁵⁸ Cf. CHRISTO Carlos Alberto Libânio de. *Religião do consumo*. 2001. Disponível em: <http://www.cienciaefe.org.br/jornal/arquivo/betto/relig.htm>. Acesso em: 15.01.2015.

Referências

- ALMEIDA, Rogério. Pobre. In: EICHER, Peter. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993.
- ANCILLI, Ermanno; MAROTO, D. Pablo de. Pobreza; Pontifício Instituto de Espiritualidade Teresianum. *Dicionário de espiritualidade*, vol. III. Tradução Orlando Soares Moreira e Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Paulinas e Loyola, 2012.
- ANDERSON, Ana Flora; GORGULHO, Gilberto S. *A justiça dos pobres: Mateus*. São Paulo: Paulinas, 1981.
- ANNE, Lene Fenger. Pobre. In: EICHER, Peter. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1993.
- BAUER, Johannes B.; MARBÖCK, Johannes; WOSCHITZ, Karl M. *Dicionário Bíblico-Teológico*. São Paulo: Loyola, 2000.
- BENETTI, Santos. *Salmos: verso e reverso*. São Paulo: Paulinas, 1977.
- BROWN, Colin. Pobre. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução Gordon Showen. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- CABRA, P. Pobreza. In: BORRIELLO, L.; CARUANA E.; DEL GENIO, M. R.; SUFFI, N. *Dicionário de mística*. Tradução Luis Miguel Duarte e Honório Dalbosco. São Paulo: Loyola e Paulus, 2003.
- CHRISTO Carlos Alberto Libânio de. *Religião do consumo*. 2001. Disponível em: <http://www.cienciaefe.org.br/jornal/arquivo/betto/relig.htm>. Acesso em: 15.01.2015.
- D'AGOSTINO, Francesco. O segredo de Deus: a perfeita alegria. In: BALDUCCI, E; BOVATI, P. *et. al. Linguagem profética das bem-aventuranças*. São Paulo: Paulinas, 1995.
- DUPONT, Jacques. *Jesus, Messias dos pobres, Messias pobre*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*: Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GRENZER, Matthias. *O Projeto do Êxodo*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- GRENZER, Matthias; FERNANDES, Leonardo Agostini. *Dança ó Terra: interpretando salmos*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *Em busca dos pobres de Jesus Cristo: O pensamento de Bartolomeu de Las Casas*. São Paulo: Paulus, 1995.
- _____. Onde dormirão os pobres? In: MÜLLER, Gerhard Ludwig. *Ao lado dos pobres: Teologia da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2014.
- LAROUSSE CULTURAL. *Grande dicionário Larousse Cultural da língua portuguesa*. São Paulo: Nova Cultural, 1990.
- MANNATI, Marina. *Para rezar com os salmos*. São Paulo: Paulinas, 1975.
- MCKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. Tradução Honório Dalbosco. São Paulo: Paulinas, 1984.
- MESTRES, Carlos. *Com Jesus na contramão*. 9ª ed. São Paulo: Paulinas, 2001.
- MOLARI, Carlo. O segredo de Deus: a perfeita alegria. In: BALDUCCI, E; BOVATI, P, *et. al. Linguagem profética das bem-aventuranças*. São Paulo: Paulinas, 1995.
- MÜLLER, G. Ludwig. *Pobre para os pobres: a missão da Igreja*. São Paulo: 2014.
- OLIVEIRA, Ivone Brandão de. *Caminho para o Reino com as bem-aventuranças*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- PIKAZA, Javier. *A teologia de Mateus*. São Paulo: Paulinas, 1977.

PIXLEY, G. *Êxodo: grande comentário bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1987.

RIBEIRO, Francisco Souza. *Justiça: entrevista com o profeta Amós*. São Paulo: Paulinas, 1996.

SICRE, José L. *A justiça social nos profetas*. São Paulo: Paulinas, 1990.

SILVA, Aldina. *Amós: um profeta politicamente incorreto*. São Paulo: Paulinas, 2001.

SOBRINO, Jon. Opção pelos pobres. In: TAMAYO, Juan José. *Novo Dicionário de Teologia*. São Paulo: Paulus, 2009.

STANLEY, D. Michael. *Evangelho de Mateus*. São Paulo: Paulinas, 1975.

TOZOLINI, Tiziano. Dizer Deus hoje: novas categorias. In: REB Revista Eclesiástica Brasileira, nº 269, janeiro de 2008. Petrópolis: Vozes, p. 33.

Magistério da igreja

BENTO XVI. *Deus caritas est: Carta encíclica sobre o amor cristão*. São Paulo: Paulinas, 2006.

CELAM. *II Conferencia Geral do Episcopado Latino-Americano: Conclusões de Medellín*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1975.

_____. *A evangelização no presente e no futuro da América Latina*- Texto oficial da CNBB. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus, Paulinas, Brasília: CNBB, 2007.

DUSSEL, Enrique. *De Medellín a Puebla: uma década de sangue e esperança*. Vol. 2 (*De Sucre à crise relativa do neofascismo - 1973-1977*). São Paulo: Loyola, 1982.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2014.

LOMBARDI, Massimo. *O documento de Aparecida: para facilitar o estudo*. In: REB Revista Brasileira, nº 270, abril de 2008. Petrópolis: Vozes.

MARINS, José. *Puebla e as Comunidades Eclesiais de Base*. São Paulo: Paulinas, 1980.

PADIN, Cândido; GUTIÉRREZ, Gustavo, et. al. *Conclusões da Conferência de Medellín, 1968: Trinta anos depois: Medellín é ainda atual?* São Paulo: Paulinas, 1998.

SUESS, Paulo. *Dicionário de Aparecida: 40 palavras-chave para uma leitura pastoral do documento de Aparecida*. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2008.

VATICANO II. *Vaticano II: Mensagens, discursos e documentos*. Tradução Francisco Catão. São Paulo: Paulinas, 1998.